

GUERRA DO PARAGUAI

DIÁRIO DE CAMPANHA DO CAPITÃO PEDRO WERLANG

Traduzido do original alemão por
HARRY EDGAR MENCHEN.

APRESENTAÇÃO (da Redação)

A "Gazeta do Sul", prestigioso matutino da próspera cidade gaúcha de Santa Cruz do Sul, divulgou nas suas edições de 25 Agô, 1, 10, 15 e 22 Set 59, o "Diário de Campanha do Capitão Pedro Werlang".

Trata-se de um registro de fatos relacionados com a vivência que teve o Autor, da Guerra do Paraguai. Não é completo, nem detalhado; às vezes, mesmo, apresenta incorreções, aliás compreensíveis, e em muitos casos referências se fazem, evidentemente, "por ouvir dizer"; mas é, ainda assim, objetivo, realístico, despido de intenções de auto-elogio e de exageros de expressão, tanto para criticar como para louvar. Isto dá ao trabalho um cunho de autenticidade que permite incluí-lo entre os mais interessantes depoimentos pessoais sobre a campanha; tanto mais interessante, porque originado de pessoa sem maior destaque do que a glória do seu valor pessoal, quase anônimo, e a honra do dever bem cumprido — legados que hoje seus descendentes guardam com zelo e carinho.

Pedro Werlang partiu para a campanha do Uruguai como praça; de Paissandu seguiu para o Paraguai, já sendo alferes quando da invasão; mais tarde, foi promovido a tenente, e ao término da guerra era capitão, condecorado com as medalhas da Campanha do Uruguai, do Mérito Militar e da Campanha do Paraguai. Ainda haveria de receber as insígnias de Cavaleiro da Ordem da Rosa e de participar ativamente da política da sua querida Santa Cruz do Sul, em cuja primeira Câmara Municipal (1878) foi vereador.

Da leitura do Diário (que, em certos pontos, confunde um pouco), depreende-se que o Autor estêve normalmente no 6º Corpo Provisório de Cavalaria (da Guarda Nacional) — integrante, quase sempre, da 3ª Brigada de Cavalaria, da 2ª Divisão de Cavalaria, do 2º Corpo de Exército. Também teria pertencido, em certo período, ao 8º Corpo de Cavalaria (da G.N.).

A tradução está muito bem feita pelo Sr. Harry E. Menchen, redator da Gazeta do Sul, e por êle dedicada ao 8º RI. Esta tradicional Unidade, numa atitude elevada e exemplar, fêz preparar pelo pintor Canovas um retrato a óleo do Cap Werlang, o qual foi solenemente inaugurado no seu quartel, no dia do Reservista, em 1959; descerrou o quadro uma filha do herói santa-cruzensense (prendada senhora, que tinha então 82 anos).

O que a seguir apresentaremos é o que foi publicado na Gazeta do Sul — não somente o texto do Diário, como a introdução feita pelo tradutor, para sua melhor compreensão.

Agradecemos ao Comando do 8º RI a pronta atenção que deu ao nosso pedido, de que nos conseguisse os exemplares da Gazeta do Sul, em que se publicou o Diário; e também à Direção daquele jornal, por ter aquiescido em que fizéssemos esta transcrição.

— X X —

APRECIÇÕES PRELIMINARES (do Tradutor)

O favor do acaso fêz chegar às nossas mãos o Diário de batalha de Pedro Werlang, filho de Santa Cruz do Sul e que pelas suas qualidades de soldado não somente galgou o posto de Capitão como também foi agraciado com a comenda da Ordem da Rosa.

Pedro, Guilherme e João foram os três irmãos Werlang que se apresentaram voluntariamente às Forças Nacionais para combater Solano Lopes; o infortunado Guilherme selaria com o sacrifício da vida o pacto que firmava com a Pátria.

Injusto seria silenciar os nomes dos demais voluntários de Santa Cruz, razão pela qual nos pusemos a pesquisar; foram êles: Frederico G. Meinhardt — Nicolau Frantz — Henrique Schuster — Roberto Schuster — Henrique Kroth — Serafim Schmidt — Tristão Schmidt — Carlos Schott — Jacob Diehl — Augusto Mueller — Joaquim Wustrow — Jacob Meile — Lindolfo Bauermann — José Ellis — Pedro Pritsch e Frederico Zinn. Foram mais os bravos, mas não conseguimos estabelecer sua identidade. O tradutor agradecerá qualquer informação a respeito, que descendentes pudessem prestar-lhe. (*)

O célebre Diário de Pedro Werlang é um livrinho nas medidas de 15 por 19,5 centímetros, de um azul escuro, desmerecido pelo tempo. É do tipo de livrinhos de poesias que as colegiais usam para recordações e sonetos e devia, outrora, representar objeto de modesto luxo, pois ostenta cantoneiras de latão.

Ao abri-lo deparamos com uma das mais notáveis grafias que já vimos: letra finíssima, como cabelo, de uma regularidade inimitável, da primeira à última, a 65ª página.

(*) Graças à colaboração de diversas pessoas entusiasmadas pela leitura do Diário, foi possível acrescentar-se, a essa relação, mais os seguintes nomes de Voluntários da Pátria santa-cruzensenses: Antonio Frantz — Pedro Tatsch — Heinrich Wickewit — Antonio Tavares da Silva. (N. da R.).

A obra dá impressão de ter sido escrita por quem tivesse muita prática nessa atividade, mas que não fôsse o autor espiritual; êste certamente ditara seus pensamentos ao artista em grafia, tomando como base seus ligeiros apontamentos feitos em campanha, após as pavorosas batalhas que descreve. Nem o formato, tampouco o passado luxo do livrinho e menos, ainda, a calma regularidade da escrita sugerem tivesse êste sido companheiro de guerra do soldado brasileiro, seu autor.

O que nos conduz à suposição do ditado são certos erros em grafia de nomes geográficos que aparecem de início e depois não se repetem; Pedro Werlang certamente havia corrigido o escrevente. Nossa impressão é de que o veterano ditara suas aventuras bélicas a um alemão nato, com deficiente conhecimento do vernáculo.

Causou-nos estranheza o fato de aparecerem abundantes erros na redação alemã; erros de ortografia, de gramática — tanto nas concordâncias como na própria sintaxe. Como poderia uma pessoa de tão esmerada caligrafia pecar freqüentemente contra as leis que regem o idioma germânico?

Todavia, a obra tem sabor de antiguidade, pois hoje não se fala nem se escreve mais assim o alemão. Ao ler os signos góticos, cheios de laços e arabescos, ininteligíveis para a maioria — mesmo senhores do idioma de Goethe — e à vista da tinta desmaiada em decênios, sentimo-nos transportados a um século atrás, invadidos de respeito.

Isto quanto ao aspecto material da obra. Com relação à personalidade do autor, ficamos simplesmente maravilhados, a ponto de termos que refrear o nosso entusiasmo.

Comumente os relatos históricos feitos por leigos pecam por excessiva subjetividade; não escrevem História, escrevem histórias. Têm a si, à sua pessoa, como centro dos acontecimentos e imprimem a tudo um colorido pessoal. Bonito em literatura, mas sob o ponto de vista histórico é de um todo desinteressante, até deturpador da verdade. O pesquisador detesta tais relatos.

Não assim o nosso “pracinha”. Com um esforço moral digno de nota — e de nossa homenagem póstuma — quase que se anula completamente como indivíduo — que sem dúvida sentiu, vibrou, lutou, sofreu e rejubilou — a fim de conservar cristalina a verdade.

Sente êle responsabilidade perante as gerações futuras e resolve ocultar o seu EU em benefício da fidelidade histórica!

Pensou êle: “Meus olhos não são os meus olhos e meus ouvidos não são os meus ouvidos; pô-los-ei a serviço da História que deve ser, o quanto possível, ciência exata”. Se assim não pensou, pelo menos assim agiu. Quem de nós seria capaz de tamanho sacrifício?

Sim, ao escrever um diário de campanha com tão poucos adjetivos e sem a palavra "saude", com tão poucas referências a si próprio, Pedro Werlang pratica, psicologicamente, maior ato de bravura do que quantos, porventura, tivesse praticado em batalha.

Vejamos: "... Foram poucos os nossos mortos; feridos foram aproximadamente 100, na maioria por balázios, entre os quais também eu me achava". Ponto! Foi ele ferido sabe lá em que circunstâncias dramáticas, mas silencia. Nem a natureza do ferimento lhe parece digna de nota!

E ainda: "Contamos os nossos mortos, cujo número andava em torno de mil, entre os quais muitos oficiais de altas e baixas patentes; entre os mortos tive que contar, com lágrimas, o meu irmão Guilherme, que teve a cabeça trespassada por uma bala". Ponto! O fato de ter encontrado, entre mil mortos, o seu irmão, arranca-lhe apenas duas palavras: ... "com lágrimas..." Era preciso morrer o irmão para abandonar sua linha objetiva, com duas palavras apenas.

Que gigante no plano emotivo! Que herói!

Esse par de palavras na boca de quem quase nunca deixa vislumbiar sentimentalismo, adquire dramaticidade que deve comover o mais frio dos leitores.

Profusão de sentimentalismos descolora-os; parcimônia dá-lhes força.

Ao ler, reler e traduzir o Diário, tornamo-nos amigo espiritual do autor. Chamamos a atenção para o fato de que esse Diário poderia servir como paradigma de anotações históricas. Impossível ser melhor.

Tanto mais mérito lhe é devido, considerando ser o autor pessoa jovem e por isso mais propensa a sensacionalismo e egocentrismo.

A suposta aridez do Diário não é falha, é exatidão científica. Sua concisão é virtude militar e lembra César: "Vim — vi — venci!"

Rendamos homenagens a esse filho redivivo de Esparta.

— X X —

DEDICATÓRIA

O presente trabalho — árduo, confessamos — tornou-se-nos mais ameno desde que o havíamos dedicado a um ideal. Não foi problema encontrar esse émulo de que necessitávamos. Dado o assunto histórico-militar, que versa sobre uma das mais gloriosas e heróicas passagens de nossa História, resolvemos pedir ao 8º Regimento de Infantaria — "Nosso Regimento" — sediado nesta cidade, que nos conceda a honra e distinção, aceitando o produto de nosso esforço, apagado e insignificante, porém oferecido de coração. Entrememos neste pedido, ainda, o de relevar bondosamente nossas imperfeições.

NOTA: Os entretítulos são nossos; trata-se de uma exigência de técnica jornalística, à qual nos acomodamos.

DIÁRIO

MARÇA FORÇADA E PRIMEIRA VITÓRIA

No dia 25 de setembro de 1864 iniciou-se a organização do 6º Corpo, em Rio Pardo; partimos a 4 de novembro e a 2 de dezembro transpusemos a fronteira Oriental.

Como nossas marchas eram forçadas, atingimos no dia 29 do mesmo mês o arroio São Francisco, distante, aproximadamente, meia légua da cidade de Paissandu, e aí acampamos.

No dia imediato, os cinco batalhões e as duas baterias que nos haviam acompanhado, sitiaram a cidade de Paissandu por terra, pois pelo lado do rio ela já se achava bloqueada pela nossa esquadra.

Ao raiar do dia 31 nossas baterias iniciaram o bombardeio das trincheiras da cidade, o que durou até as 10 horas da manhã. Eis quando a nossa infantaria abriu fogo que sustentou, sem parar, até pela meia-noite. E assim continuou no próximo dia até 2 de janeiro de 1865, às 8 horas da manhã.

O inimigo hasteou bandeira branca, motivo pelo qual silenciámos imediatamente o fogo. Procedeu-se sem demora à rendição dos orientais.

A bela cidade estava grandemente danificada e suas ruas cobertas de mortos.

Marchamos a 6 de janeiro e alcançamos, na data de 5 de fevereiro, um ponto distante cerca de três léguas da cidade de Montevideu, onde acampamos.

A 20 do mesmo mês marchamos e fomos acampar, a 22, próximo à cidade que se rendeu, ainda na mesma data, inclusive suas fortificações.

No dia 28 de fevereiro partimos da fortaleza e nossa cavalaria acampou, a 5 de março, próximo à cidadezinha de Santa Luzia.

RUMO AO PARAGUAI

A 8 de maio deixamos Santa Luzia, iniciando nossa marcha rumo à Província do Paraguai. No dia 27 de junho atravessamos o rio Uruguai, não longe das cidades de Concórdia e Salto Oriental, e acampamos junto à nossa infantaria e artilharia que lá já se achavam.

A essa altura, então, foi organizado o nosso Exército e o nosso General-em-Chefe ficou sendo Dom Manoel Luiz Osório.

A 18 de setembro renderam-se os inimigos paraguaios na cidade de Uruguaiana; essa notícia nos chegou no dia 20 do mesmo mês. Todas as bandas de música começaram a tocar simultaneamente; à

noite houve grandes ágapes e assim festejamos durante três dias. Tudo isso foi promovido em regozijo da rendição dos 12.000 paraguaios famintos.

Marchamos a 25 de setembro e a 27 atravessamos o pequeno rio Mucuritá, encontrando-nos, portanto, na Província de Corrientes.

No dia 9 de outubro, Maurício José da Silveira deu entrada no hospital e veio a falecer, a 16 do mesmo, de varíola. Acha-se enterrado não longe da pequena cidade de Curuzu-quatiá.

Continuando, sempre abaixo de marchas forçadas, atingimos em data de 20 de dezembro um local muito próximo da cidade de Corrientes e acampamos às margens da Lagoa Brava. Aí a nossa vanguarda escaramuçou freqüentemente com os paraguaios, que por muitas vezes atravessavam o rio Paraná para derrotar a mesma vanguarda, o que conseguiram finalmente.

1ª PROMOÇÃO DE PEDRO WERLANG

Na data de 10 de fevereiro de 1866, todo o exército pôs-se em marcha e ainda no mesmo dia acampamos junto a Talacorá; outra parte do exército e sua vanguarda acampou às margens do Paraná, defronte a Itapiru. Ao mesmo tempo nossa esquadra, que havia partido de Corrientes, postou-se defronte às trincheiras de Itapiru e Passo da Pátria, bombardeando as mesmas.

Em data de 20 de março, pela ordem do dia n. 143, fui promovido a alferes.

A 9 de abril os paraguaios embarcaram em chalanas, de arma branca em punho, no intuito de assaltar a ilha fronteiriça a Itapiru, que desde há poucos dias se achava ocupada por duas baterias e uma brigada de infantaria, das nossas.

Essa força inimiga, comandada pelo Capitão Romero, aportou após a meia-noite, num sítio próximo ao nosso acampamento; foi, porém, por nós logo percebida. A carnificina durou cerca de duas horas e perdemos perto de 400 homens. Do inimigo conseguimos aprisionar o comandante e muitos homens. Os demais que não morreram pelas baionetas atiraram-se no largo rio Paraná para salvar-se, mas pereceram afogados.

No dia 16 de abril, pela manhã, o General Osório empreendeu sua primeira travessia e aportou nas Três Bôcas, logo abaixo de Itapiru, e isso sob o mais intenso tiroteio. O inimigo já o havia esperado nos banhados. O nosso bravo General Osório, porém, saiu-se vencedor após uma hora de luta. O adversário conseguiu fugir em tempo com seus canhões das trincheiras, antes que caísse em nosso poder.

O restante do nosso exército, tão depressa quanto pôde, atravessou o rio e, em conjunto, acampamos junto ao lugar Passo da Pátria.

GRANDES BAIXAS DE LADO A LADO

Pelo meio-dia de 2 de maio o inimigo atacou-nos em campo aberto, próximo a Passo da Pátria; a luta durou pouco mais ou menos duas horas. Perdemos 4 canhões com a respectiva munição, além de cerca de 1.000 homens; as baixas do inimigo foram contadas em 2.000 soldados.

No dia 20 de maio todo o exército pôs-se em marcha e ao clarear do dia bombardeamos uma pequena fortificação, que não tardou em ser evacuada pelos seus ocupantes. Na mesma data ainda, acampamos em Tuiuti.

A 24 de maio, pelo meio-dia, o inimigo atacou-nos por todos os lados; a luta durou cinco horas, sem esmorecer. Perdemos cerca de 100 oficiais, contando também os feridos e mais ou menos 2.500 praças. As baixas do inimigo, porém, ascenderam a 7.000, contando somente os mortos. Durante a luta sempre fomos os senhores do terreno. Conseguimos conquistar 4 bandeiras, 4 canhões e grande cópia de mantimentos.

A 14 de julho chegou o Barão de Pôrto Alegre com o seu 2º Exército e acampou junto a Passo da Pátria.

A 15 de julho despediu-se o nosso bravo General Osório, sendo substituído pelo General Polidoro.

Ao clarear do dia 16 de julho a luta recomeçou numa trincheira que o inimigo havia feito no nosso flanco, no mato. Lutamos até a meia-noite. Lutamos, ainda, durante todo o dia 17, porém com menos intensidade.

No dia imediato, 18 de julho, recomeçou luta acesa na trincheira já citada e que se estendeu até às 4 horas da tarde, hora em que conseguimos apoderar-nos da posição, porém com a perda de 4.000 homens e várias bandeiras. O inimigo não teve nem metade das baixas.

SOLANO LOPES COMO PARLAMENTAR; COLERA MORBUS

No dia 10 de agosto o Barão de Pôrto Alegre embarcou com o 2º Exército e dirigiu-se rio Paraguai acima, desembarcando logo abaixo do forte Curuzu; nossas forças estavam protegidas pela frota. Na data imediata o 2º exército deu assalto às trincheiras de Curuzu e as tomou.

A 12 de setembro veio o Governador Lopes acompanhado de parlamentares, diversos generais e um piquete e postou-se entre as linhas. Foi ele recebido pelos Generais Mitre e Flores. No local foi erguida uma barraca para nela se discutir.

Durante três dias não se ouviu um só tiro, pois havia armistício. A trégua durou de 12 a 15 do mesmo mês. Nesse espaço de tempo o Ge-

neral Mitre enviou uma divisão de infantaria argentina para reforçar o exército em Curuzu.

A 16, de madrugada, o 2º Exército assaltou o grande forte de Curupaiti. Apesar de toda a valentia e denôdo, o 2º Exército foi forçado a empreender terrível retirada, depois de lutar uma hora. Sofremos 4.000 baixas e mais 2.000 os argentinos aliados.

No dia 25 de setembro partiu o General Flores para assistir à sua eleição.

A 17 de novembro chegou o General Marquês de Caxias, assumindo o supremo comando das tropas.

Pelo começo do mês de abril de 1867 surgiu entre nós o colera morbus. Muitos dos nossos homens dela pereceram. Pela mesma época instalou-se o telégrafo elétrico, com ligações que irradiavam de nossa posição para diversos pontos em torno.

No dia 10 de maio o General Polidoro partiu para o Rio de Janeiro; todos nós, a oficialidade, tivemos que acompanhá-lo até o vapor onde ele se despediu de nós.

No dia 24 de junho ensaiamos a ascensão de um balão cativo, a fim de poder melhor observar o inimigo.

VISANDO HUMAITÁ

A 3 de julho as forças do Barão de Pôrto Alegre abandonaram sua posição em Curuzu e foram acampar em Passo da Pátria.

No dia 14 de julho chegou o valente General Osório com o seu 3º Exército e reuniu-se novamente a nós.

No dia 21 de julho nossas forças, em número de 16.000 homens, passaram pela esquerda de Tuiuti; após alguns dias de marcha acampamos em Tuiucué. Para garantir a posse das fortificações de Tuiuti, lá ficou o Conde de Pôrto Alegre.

Cedo, na manhã do dia 31 de julho, atacamos o inimigo, porque as nossas forças se achavam concentradas demais; conseguimos o terreno desejado e deslocamos o adversário em direção aos fortes de Curupaiti e Humaitá. Entre mortos e feridos, infligimos ao inimigo cerca de 80 baixas, sendo que nós tivemos apenas alguns feridos.

Ao despontar do dia 3 de agosto, duas de nossas divisões de cavalaria subiram costeando o Humaitá e derrotaram as guarnições do telégrafo elétrico junto ao Arroio Fundo, destruindo suas instalações.

Conseguimos 30 prisioneiros e uns 300 dos inimigos morreram, além do que conseguimos apresar cerca de 2.000 cabeças de gado para corte, uma quantidade enorme de cavalos e duas carretas com bois. Não perdemos nenhum homem por morte, mas grande era o número de feridos por pontacos de lança.

No dia 15 de agosto uma parte de nossa esquadra aproximou-se ladeando as trincheiras de Curupaiti, sob o mais intenso bombardeio das trincheiras, sem, contudo, perder um único navio. As belonaves se postaram defronte a Humaitá.

A 20 de setembro, nós, o 8º Corpo de Cavalaria, marchamos beirando o Humaitá costa acima e batemos o inimigo na vila Pilar. Prossequindo, deixamos a cidadezinha à nossa esquerda, passamos a nado o rio Inambuí e atacamos o inimigo pela retaguarda. Apesar de termos que avançar contra dois canhões que atiravam incessantemente e contra forte contingente de infantaria, a sorte nos foi favorável. Tomamos ao inimigo os dois canhões por investida de assalto e desmantelamos-lhe a infantaria; o que não jazia morto por terra, foi forçado a atirar-se no rio Inambuí. A essa altura o 21º Corpo, que estava armado como infantaria, desmontou e, apressadamente, organizou uma linha de fogo ao correr da margem do rio e, assim postado, cobriu o inimigo a nado com as mais terríveis saraivadas de balas. Foram poucos dos nadadores que conseguiram chegar à margem oposta. Mal aí chegados e se julgando a salvo, terminaram por serem atravessados por lanças.

A luta durou perto de uma hora; aprisionamos 83 soldados com 4 oficiais. Contamos 150 mortos, sem os que se haviam precipitado ao rio e aí perecido por afogamento. Perdemos um alferes e um soldado, outrossim foram feridos um capitão, um alferes e uns 20 soldados. Conquistamos 4 carretas com os respectivos bois, 2 canhões, perto de 200 reses e alguns cavalos.

CONSTANTE ATIVIDADE

No dia 28 de setembro, nós da 2ª Divisão mudamos nosso acampamento de Tuiucuê para perto da Estância São Solano e juntamo-nos ao resto da cavalaria, aí acampada há dias.

Lá não nos foi dado nenhum dia de trégua pelo inimigo que se achava à nossa frente. Mostrou-se-nos ele todos os dias em campo aberto, ostentando disposição ao ataque. Isso nos forçou a constante atividade até à manhã do dia 31 de outubro, data em que apareceu com 3.000 homens. Mas quando nós firmamos pé, bateu em retirada; isso se repetiu por duas vezes durante o dia. À terceira vez, a mesma força reapareceu e assaltou a 6ª Divisão, que se achava em observação. Houve luta, porém nossa divisão viu-se obrigada a retirada e sofreu baixas. Foi quando as 1ª e 2ª Divisões chegaram a galope desenfreado, a 2ª pelo flanco direito e a 6ª pelo esquerdo. Nós porém nada pudemos fazer e vimo-nos forçados a suportar, inativos, e a uma distância de 50 a 100 passos, a fuzilaria da infantaria inimiga, até que dois batalhões nos vieram em socorro; estes logo abriram fogo violento. O inimigo não havia esperado por esse recurso. (O original, a esta

altura, peca por falta de clareza, principalmente no que diz respeito ao movimento da cavalaria. Nota do tradutor).

Vendo-se o inimigo obrigado a retirada, chegou a vez da nossa cavalaria de, pela direita e pela esquerda, estrafragá-lo de lança om riste e de espada em punho. E assim terminamos, em uma hora, com o combate. Capturamos 200 praças com 4 oficiais; no campo contamos de 600 a 700 mortos. As nossas baixas eram, entre mortos, um capitão e 60 a 70 soldados; feridos, 6 oficiais e cêrca de 50 praças.

MORRE UM SANTA-CRUZENSE

No dia 21 de outubro marchamos (a 2ª Divisão) sôbre Humaitá e fizemos alto a uma distância de mais ou menos 3/4 de légua do forte. Lá a cavalaria do inimigo costumava conduzir seus cavalos para fora das fortificações, a fim de que os animais pastassem no campo aberto; faziam isso diariamente. Com a progressão da luz do dia, o inimigo apercebeu-se de nossa presença e aprontou-se para o combate. Eram aproximadamente 2.000 homens. Montamos sem demora e investimos, barrando-lhes o caminho para o passo, enquanto a 6ª Divisão se achava oculta no flanco direito, entre macegais. Tocamos o adversário por diante sob grande mortandade, até frente às trincheiras de Humaitá. Aí fomos forçados a um urgente recuo, devido aos inúmeros canhões do forte, que nos tomaram sob cerrado fogo. Nossa 1ª Divisão, oculta na ala esquerda de Humaitá, nos socorreu tarde demais; caso contrário, nenhum dos 2.000 teria logrado fugir. Conseguimos 150 praças e 8 oficiais prisioneiros; o número de seus mortos andava entre 700 e 800. Nós perdemos vários oficiais e grande número de feridos. Por morte perdemos pouca gente, mas os feridos eram muitos. Entre os que haviam perdido a vida achava-se Frederico Zinn (um dos voluntários de Santa Cruz. Nota do tradutor). Jaz êle junto à Estância São Solano, onde o enterramos.

EM RECONHECIMENTO

No dia 24 de setembro o inimigo assaltou nosso comboio de abastecimento; morreram 400 dos nossos e muitos foram feridos. Tomaram-nos grande número de carretas com bois e mulas, além de muita mercadoria sortida (o original diz em vernáculo: "negociantes sortidos". Nota do tradutor), também grande soma em dinheiro e homens acompanhantes — tudo caiu nas mãos do inimigo. Aconteceu isso no trajeto de Tuiuti para Tuiucué.

A 29 de outubro, pela meia-noite, nós, isto é, as 1ª e 2ª Divisões de Cavalaria e o 6º Batalhão de Infantaria com seus 4 canhões, seguimos Humaitá acima. Derrotamos o inimigo além do Arroio Fundo, no lugar denominado Potreiro da Ovelha. Em número de 150 a 200, êle se havia entrincheirado entre os matos e banhadais. Infiligram-

-nos 400 baixas entre mortos e feridos; além disso, aprisionaram-nos 36 dos nossos. Assenhoreamo-nos da posição inimiga após duas horas de luta. No dia imediato ainda apresamos aproximadamente 1.000 reses e cavalos que encontramos no campo.

Por volta da meia-noite do dia 2 de novembro pusemo-nos em marcha, partindo do Potreiro da Ovelha. Marchou todo o contingente, que era comandado pelo Brigadeiro João Manoel Mena Barreto. Alcançamos, ao primeiro alvor do dia, Taji, que fica a cerca de duas léguas do potreiro já citado. Aí derrotamos a guarnição de infantaria composta de uns 200 homens. Muitos deles se atiraram ao rio Paraguai no afã de alcançar um dos três navios de guerra aí ancorados, mas em vão.

Esses navios haviam-nos bombardeados cruelmente, e a diminuta distância. Tão rápido quanto nos foi possível, assentamos nossas quatro bôcas-de-fogo em direção às belonaves e pusemos a pique duas delas, dentro de meia-hora; a terceira fugiu sem tardar, porém com grave avaria em uma de suas rodas de propulsão. Entre mortos e feridos tivemos 40; os contrários nos deixaram 25 prisioneiros e sofreram maior número de baixas por morte.

QUASE SURPREENDIDOS

No dia seguinte arranjamos vários botes, a fim de abordar um dos navios que se achava próximo à margem oposta e do qual somente queimara a cobertura, sem ter submergido. Nêle encontramos mais 53 mortos, entre os quais também uma mulher e uma menina de uns três anos de idade. Concluímos que tivessem sido membros da família do comandante.

A madrugada do dia 3 de novembro viu o inimigo investir contra Tuiuti com 8.000 a 10.000 homens, infantaria e cavalaria. Atacaram o flanco direito, guarnecido por nossos aliados argentinos. Nosso 2º Exército, ainda sempre comandado pelo Visconde de Pôrto Alegre, só se deu conta do ataque quando o inimigo já havia conseguido apossar-se da primeira trincheira; abriu imediatamente cerrado fogo de bateria. Apesar disso, o atacante invadiu a zona do comércio por atacado, pilhando e incendiando os empórios.

Por ordem do Visconde de Pôrto Alegre êsse quartelão foi por nós assaltado de baioneta calada, enquanto os safados paraguaios (o original diz: "die frechen Paraguay..." Nota do tradutor) iam-se deixando imolar aos centos, ao lado de barricas de açúcar e de barris de bebidas. Os invasores então abandonaram a zona do comércio, pois esta ardia em chamas, e investiram contra nosso quartel-general.

As nossas bem providas baterias, porém, os cobriram de tal maneira com metralhas de lanterna que se viram forçados a proteger-se junto ao local da nossa guarda, pôsto que aí existiam fortificações

reforçadas e altas. Mas, não tardaram em notar que agora se achavam sob o duplo fogo das nossas baterias; abandonaram em seguida o seu refúgio e se dividiram em dois grupos. Um destes voltou a atacar o quartel-general, porém sem resultado; o outro grupo se retirou para Passo da Pátria, sito a 3/4 de légua, aproximadamente, de Tuiuti.

(Novamente o original é bastante confuso, no trecho que segue. Nota do tradutor).

Mas, infelizmente, para ele, só conseguiu chegar até à metade do caminho, pois aí houve encontro e, forçado a retroceder, reuniu-se novamente em Tuiuti, de onde marchou de regresso.

DURAS PERDAS

Perdemos quase todo o 4º Batalhão de Artilharia. O Comandante Augusto Ernesto da Cunha Matos, com muitos oficiais e soldados, inclusive toda a banda de música, caíram prisioneiros nas mãos do inimigo. Além do que ainda nos tomaram vários canhões, entre os quais um de 32 libras, de aço forjado.

Somente dentro da área de nossa posição, o adversário perdeu 3.000 mortos, além de muitíssimos prisioneiros. Perdemos igualmente cerca de 3.000 homens, entre mortos e feridos. Também o Visconde de Porto Alegre recebeu ferimento durante essa luta de seis horas; até o estado-maior sofreu baixa de vários oficiais, uns mortos e outros feridos.

No dia 18 de fevereiro de 1863, tanto a 2ª Divisão de Cavalaria como uma divisão de infantaria foram postas em prontidão para entrar em combate, acontecendo o mesmo com nossa frota. Ao escurecer marchamos em direção à trincheira Estabelecimento, que ficava a meia légua acima de Humaitá.

No dia subsequente, portanto 19, às 3 horas da madrugada, seis encouraçados de ferro de nossa esquadra conseguiram passar por Humaitá, apesar do forte fogo das baterias adversárias.

Logo ao alvorecer do dia atacamos as fortificações de Estabelecimento. A luta durou perto de duas horas e dela resultou ficarmos senhores da posição e mais de oito canhões e quantidade de foguetões. (O original diz: "foguetões" em português. Nota do tradutor).

Muito nos deram que fazer dois navios de guerra que se achavam àquelas alturas. Esses finalmente se afastaram incólumes, pois entre nós não se achava nenhum artilheiro adestrado, que fôsse capaz de alvejar um navio a mil passos de distância, com um tiro de um dos nossos bons canhões de aço forjado.

Perdemos 800 homens, entre mortos e feridos; o inimigo perdeu o total de sua guarnição do forte. Apanhamos apenas um alferes e alguns soldados como prisioneiros; o resto perdeu a vida.

Na mesma data, pela manhã, nossa vanguarda tomou uma tórre de observação e um fortim provido de canhões, perto de Tuiucué.

No dia 19 de fevereiro foi assassinado, em Montevideu, o General Flores.

HUMAITÁ: — EIS A QUESTÃO

A 25 de fevereiro, às 9,30 horas da manhã, foram ouvidas três grandes explosões junto às baterias em Humaitá.

Na noite de 21 a 22 de março, o inimigo abandonou tôdas as suas fortificações entre Tuiuti e Humaitá e concentrou-se com todos os seus canhões transportáveis em Humaitá.

O nosso 2º Exército já partira de Tuiuti, vencera a Linha Negra (que eram as trincheiras inimigas de Tuiuti) e deslocara o resto das forças; os nossos tiveram muitas baixas. O nosso exército acampou tanto dentro das trincheiras de Curupaiti como fora e junto a elas; isso no dia 22. O resto de nossa esquadra postou-se defronte de Humaitá.

Os 1º e 3º Exércitos acamparam, a 3 de abril, a uma distância de um tiro de canhão de Humaitá; sem demora cavamos trincheiras e assestamos as baterias, a fim de bombardear Humaitá. Com a colocação das baterias aproveitamos muito bem a Semana Santa.

A Sexta-feira Santa decorreu no máximo silêncio — sem um tiro e sem música da banda.

No Sábado de Aleluia, ao despontar o dia, o nosso exército foi chamado em prontidão de ataque e às 9 horas estávamos prontos. O inimigo havia-se apercebido de nossos preparativos e nos enviou uma de 68 libras.

A totalidade de nossas baterias em redor de Humaitá começou, em uníssono, o bombardeio. Tôdas as cornetas soaram e o conjunto das bandas entouou. O bombardeio dos três exércitos durou duas horas sem que Humaitá detonasse segundo tiro em revide.

ASSALTO AO MONITOR "RIOGRANDENSE"

No dia 2 de maio, um contingente nosso, contando lá pelos 7.000 homens, atravessou o rio Paraguai junto a Estabelecimento e interceptou o comboio de abastecimento a Humaitá, que vinha lá do outro lado, do Grão Chaco. Ao desembarcar, logo houve luta com os paraguaios e nós sofremos duras perdas.

No dia 4 do mesmo mês os paraguaios assaltaram os nossos no Chaco, mas perderam tudo o que possuíam e até o dôbro do que nos haviam tomado dois dias antes; a posição foi por nós reforçada e guarnecida com canhões.

As 9 horas da noite do dia 9 de julho o adversário praticou um assalto ao monitor "Rio-Grandense", nas proximidades de Taji. Veio êle em 24 lanchas contendo de 300 a 400 soldados; de espadas e armas de fogo em punho escalou, no maior silêncio, o costado da nave. Sòmente o comandante morreu e alguns de seus tripulantes foram feridos, mas o assaltante nos deixou 4 oficiais, um sargento e 34 soldados como prisioneiros, a maioria dêles feridos e muitos escaldados pela água fervente da caldeira do vapor. O major comandante dessa força e duas lanchas apinhadas de paraguaios, eis só o que conseguiu fugir. Apossamo-nos de 22 lanchas, ou melhor, a maioria delas foi posta a pique pelo pessoal dos navios que se achavam fundeados nas imediações e também pelas nossas baterias de Taji.

CERCADO O INIMIGO NA ILHA

No dia 16 de julho, de madrugada, procedemos a um reconhecimento à viva força, de Humaitá. Disso nos resultaram 1.019 baixas, entre mortos e feridos. Perdemos muitos oficiais de altas e baixas patentes.

Na manhã de 25 de julho o adversário começou a inutilizar a totalidade de seus canhões e os legou ao abandono, em número de 283. Ato contínuo, transpôs o rio em direção ao Chaco, a fim de fugir à fome.

Cedo, no dia 27 de julho, travou-se a batalha no Chaco, que durou, sem esmorecer, até à meia-noite. O inimigo que havia abandonado Humaitá foi por nós forçado a fazer reduto em uma ilha, ficando em situação de cerco.

A 5 de agosto o inimigo sitiado na ilha rendeu-se-nos. Seu número ainda ascendia a 1.500 homens; o resto lograra fugir, devido à péssima visibilidade do terreno.

No dia 19 de agosto todo o nosso exército, inclusive nossos aliados, marchou em direção a Tebiquari.

Quando, a 26 de agosto, constituíamos a vanguarda, topamos com um regimento paraguaio, que se achava na ilha São Fernandes, além do Jacaré. Travamos luta e perdemos alguns mortos e feridos. O adversário porém, teve o dôbro em baixas por morte, sem contar os feridos.

Apresamos 121 cavalos, na maioria selados, os quais o inimigo tivera que abandonar em sua retirada para as fortificações junto ao rio Tebiquari.

CAPITÃO WERLANG É FERIDO

Na manhã do dia 28 de agosto, nosso exército chegou à Ilha São Fernandes e acampou, e nós, a vanguarda, nos pusemos em prontidão para entrar em combate.

A uma hora da tarde foi assaltada a trincheira na margem do Tebiquari; apossamo-nos dela abaixo das mais violentas saraivadas de balas e lanternetas; escalamos o baluarte de 10 pés de altura e tocamos com os paraguaios rio adentro; só poucos alcançaram a margem oposta. Foi diminuto o número de nossos mortos e o de feridos andava pelos cem, na maioria por balázios, entre os quais também eu me achava.

Aprisionamos um major paraguaio e ainda o célebre capitão Ovado, com numerosos soldados e 4 canhões.

Ao clarear do dia 1º de setembro, iniciamos a travessia do Tebiquari, sob a cobertura de nossa frota. O exército inimigo, porém, durante a noite, havia pôsto fogo em seu acampamento do outro lado do rio e fugira.

DE ROLDÃO PELA PICADA

A 12 de setembro passamos pela Vila Franca e a 18 pela Vila Oliva.

No dia 22 de setembro, a 3ª Brigada encontrou-se com um regimento e um batalhão de paraguaios. Entre os matagais, junto ao Lagoão Ipoá, haviam eles nos preparado uma emboscada. Retiramo-nos, porém, ainda em tempo, mas sem nada poder fazer, pois o terreno não permitia ação.

A 23, portanto no dia seguinte, a 3ª Brigada costeou o Lagoão Ipoá em direção ao local onde o inimigo se havia postado de véspera. Não o encontrando, prosseguimos até o arroio Surubii, onde o avisamos na entrada de uma picada; lá se achava um regimento.

Atacamos imediatamente e levamos o inimigo de roldão através da dita picada, de cerca de 1/4 de légua, até além de uma ponte; isso tudo abaixo da maior mortandade. Além da ponte, porém, o inimigo nos havia preparado outra emboscada. Sòmente um esquadrão nosso ficou isolado.

Sofrendo perda de 41 mortos e feridos, retiramo-nos apressadamente, até que fôssemos socorridos pela nossa infantaria, constituída de 5 batalhões. Reunidos, revidamos o ataque e após 1½ hora da maior carnificina e a custo de grandes baixas conseguimos ocupar a posição. Nossa infantaria perdeu perto de 300 praças; além disso, o inimigo conseguiu aprisionar de 30 a 40 dos nossos, inclusive 3 oficiais.

No dia 24 acampamos em Palmas, junto à margem do Paraguai, acompanhados de nossa frota. Foi quando surgiu o *colera morbus* entre nós; muitos homens dêle pereceram.

A SORTE NOS É ADVERSA

A 1º de outubro saímos a um reconhecimento à linha de fogo; tomamos uma pequena trincheira situada no mato e descobrimos o

fortim Angustura, que nos fêz retroceder abaixo de centenas de granadas. Nada podíamos fazer, pois tudo era matagal e banhados.

Batemos, portanto, em retirada, sofrendo 160 baixas, entre mortos e feridos. Além disso, aprisionaram-nos nossa retaguarda, constituída de 50 praças e dois oficiais. O inimigo perdeu um capitão e 20 soldados por morte, e um alferes e vários soldados por aprisionamento.

PARA O GRÃO CHACO

Nos primeiros dias de novembro, o Marquês de Caxias enviou tropas para além do rio Paraguai, a fim de proceder a um reconhecimento e para abrir caminho; comandava-as o General Argôlo. No cumprimento dessa tarefa houve freqüentes escaramuças com contingentes de reconhecimento inimigos.

Terminada a abertura da citada senda para o Chaco, o grosso do nosso exército passou o rio, enquanto nossos aliados permaneceram em suas trincheiras. A 3ª Brigada de Cavalaria foi a última a atravessar o rio, a 3 de dezembro.

Desembarcamos em meio de água, lodo, charcos e matagais. Marchamos dia e noite abaixo de chuva, atravessamos pontes flutuantes, até que, no dia 5, bem cedo, entramos novamente em embarcações num local pouco acima do forte de Angustura. Lá já se achavam ancorados nossos cinco encouraçados, com dois monitores, desde fins de setembro. Havia eles arriscado passar por Angustura, tentativa em que foram bem sucedidos.

Esses navios nos levaram sãos e salvos ao quartel de Santo Antonio.

PRUDENTE RETIRADA

Às 3 horas dêsse mesmo dia nossa brigada, levando consigo mais uma brigada de infantaria, montou e partiu para um reconhecimento no arroio Itororó, que distava duas léguas de Santo Antonio. Pelo caminho despersamos um piquete inimigo e alcançamos uma picada que nos conduziu até além da ponte de Itororó, onde se nos descortinou um lindo campo.

Não tardaram em aparecer numerosas forças inimigas, que se aproximavam tomando-nos sob cerrada fuzilaria. Não nos havíamos apercebido do inimigo a não ser a uns 1000 passos de distância, devido a uma colina que se anteparava, ocultando-o. O Coronel Niederauer, que nos comandava, imediatamente deu ordem de retirada.

Do dia 5 até a madrugada do dia 6 já haviam desembarcado... 30.000 homens em Santo Antonio.

Ao nascer do sol do dia 6 de dezembro, nosso General Osório partiu com toda a cavalaria, seguindo à esquerda e acima de Itororó, para um reconhecimento; entretantes, a 3ª Brigada, acompanhada de uma divisão de infantaria e uma bateria, marchou diretamente sobre Itororó. A vanguarda ficou confiada ao 6º Corpo.

HOMENS CONTRA CANHÕES — ITORORÓ!

Mal havíamos passado pela picada e avistado o outro lado da ponte, fomos recebidos pelas lanternetas de seis canhões, os quais o inimigo, durante a noite, havia postado além da ponte, em campo aberto. Lá estavam à nossa espera.

A 3ª Brigada de Cavalaria recebeu ordem imediata do General Argôlo de tomar a bateria de assalto, esta atirando violentamente. Conseguimos cumprir a ordem — e ainda com insignificantes perdas humanas e de montarias. Esse núcleo inimigo, durante nossas três investidas é retiradas, ia recebendo reforços do mato próximo; por isso, só pela quarta vez foi possível realizar nosso intento.

A culpa coube à nossa infantaria, que se revelou vacilante. Sua Excelência o Marquês de Caxias, finalmente, viu-se obrigado a galopar, à rédea solta e de espada em punho, ao meio da infantaria para encorajá-la, porém com parco efeito. Praticou ele esse ato abaixo do mais cerrado fogo de fuzilaria.

Cessou a luta após duas horas, ficando nós senhores do campo. Perdemos muita gente, mas as perdas do adversário foram três vezes outro tanto. O General Argôlo recebeu dois balázios mortais.

No dia seguinte, 7 de dezembro, bem cedo, marchamos rumo à cidadezinha Villeta. A canícula era tal que muitos soldados da infantaria desmaiaram durante a marcha e morreram.

Quando, ao anoitecer, acampamos cerca de uma légua distante de Villeta, o inimigo nos saudou com algumas granadas.

A 9 de dezembro pusemo-nos em marcha, tomando direção ao Paraguai, sempre tocando as forças inimigas pela frente, e, pelas 10 horas da manhã, acampamos junto ao arroio Vaí, para recuperação nossa, visto que desde o dia 4 nenhum mantimento nos fôra distribuído.

PRÓDROMOS DE UMA GRANDE BATALHA — AVAÍ!

Durante o dia 10 nos conservamos quietos, observando a mais atenta vigilância, pois que nos achávamos cercados pelo inimigo. O Marquês de Caxias expediu suas instruções para a batalha do dia seguinte.

No dia 11 de dezembro, às 8 horas da manhã, montaram nossas três divisões de cavalaria. O Marquês decidira dividir o Exército em três: a primeira parte atravessaria o arroio Vaí, a fim de atacar a ala esquerda; a segunda se aproximaria do inimigo pela frente, onde ele, de véspera, havia assestado 18 canhões em campo aberto. Essas ordens foram cumpridas sem demora e a toda pressa assestou-se ainda um conjunto de canhões-foguetes, dirigidos contra os 18 canhões do adversário.

A terceira parte do Exército, constituída de duas divisões de cavalaria, as 1ª e 3ª, seguiu, a passo, ao longo da frente inimiga, para depois atacar pelo flanco direito. Nisso dirigiram-nos diversas granadas, mas que não nos atingiram.

O TIRO DE SINAL!

O Marquês então detonou o tiro de sinal e todo o exército atacou com coragem. Instantes depois, o lindo campo se achava obscurecido não só pela fumaça de pólvora, como também por cortinas de fortíssimo aguaceiro.

Nós, as duas divisões de cavalaria, barramos em seguida o caminho de retirada ao inimigo, sob a mais cruenta luta. O resto de nossas forças atacou-o por todos os lados, arrebanhando-o no centro. Uma força de cerca de 2.000 tentou vir-lhe em socorro, das bandas de Lomas Valentinas, mas não a deixamos passar.

DESCRIÇÃO PAVOROSA

O inimigo remanescente foi por nós obrigado a concentrar-se num monte só, encurralado. Contava pelos 2.000 homens.

Fizemos, então, uma carga de cavalaria sobre o inimigo, e, abaixo dos mais entusiásticos brados de júbilo, golpeamo-lo a espada e a lança. Numa diminuta área de uns cem passos de comprimento por outro tanto de largura, o número de mortos era tal que chegavam a jazer uns por cima dos outros.

A seguir nossas forças se retiraram, sempre abaixo de chuva, e acamparam próximo à cidadezinha de Villeta, distante cerca de 1/4 de légua do campo de sangue.

COM LÁGRIMAS...

Lá verificamos as nossas baixas e contamos os nossos mortos, cujo número andava em torno de mil, entre os quais muitos oficiais de altas e baixas patentes; entre os mortos tive que encontrar, com lágrimas, o meu irmão Guilherme, que teve a cabeça trespassada por uma bala. O número de feridos era tanto quanto o de mortos.

Havíamos derrotado de 5.000 a 6.000 homens, dos quais aprisionamos 1.000. Entre estes se achavam dois coronéis, um tenente-coronel, dois maiores e muitos oficiais de inferior graduação, além de diversas famílias.

Conquistamos 18 canhões, inclusive a respectiva munição, 4 bandeiras e mais umas duzentas reses. Durante esse combate, o nosso General Osório recebeu ferimento por bala.

CHEGA A VEZ DE LOMAS VALENTINAS

No dia 14 de dezembro o Marquês enviou a 2ª e a 3ª Divisão de Cavalaria para efetuar uma batida. A 2ª Divisão passou pelo flanco direito de Lomas e capturou perto de 5.500 reses.

A 3ª Divisão passou pelo flanco esquerdo do forte, passou pelo Potreiro Mármore em direção a Angustura, para fazer reconhecimento por lá. Pela madrugada encontrou-se com um regimento de cavalaria inimigo, que em seguida foi assaltado e aprisionado.

Quando, de volta, os dois generais de cavalaria apresentaram seus relatórios do que haviam observado, ao Marquês, este achou conveniente decidir-se ao ataque contra as fortificações de Lomas Valentinas.

A 21 de dezembro, pela madrugada, nosso exército se movimentou em marcha sobre Lomas, distante umas três léguas de Villeta; aí somente permaneceu o hospital de sangue, com os nossos feridos do dia 11 e um batalhão de engenharia, como guarnição.

As duas da tarde atacamos Lomas, perdurando o violentíssimo fogo até pelas 10 horas da noite, acompanhado de forte aguaceiro. Ficamos senhores das primeiras trincheiras, nas quais encontramos 35 canhões; aprisionamos também 50 homens da guarnição, com dois oficiais.

Nos dias 22 e 23 a luta prosseguiu, porém não muito intensa.

Na manhã do dia 24 o Marquês enviou parlamentares ao forte; a trégua de duas horas daí resultante, aproveitou-a para assestar várias baterias, inclusive foguetões, decidido a bombardeá-lo.

As 5 horas da manhã de 25 de dezembro, o Marquês determinou que o total dos nossos canhões abrisse fogo contra Lomas, e assim foi feito até as 7 horas, momento em que todos atacamos de assalto. Bombardeando e em seguida investindo em massa, passou todo o dia sem que nos fosse possível penetrar no forte. Apesar de, vez por outra, conseguirmos invadir uma das trincheiras — abaixo de fogo de canhões e lanternetas — sempre nos forçavam novamente a terríveis retiradas. Isso durou o dia todo, causando-nos pavoroso número de baixas.

A 27 de dezembro, cedo, o Marquês determinou que nossas forças envolvessem o forte, ficando os nossos aliados postados pelo lado de Angustura; a seguir, comandou assalto em conjunto.

O inimigo, já exausto pelas lutas dos dias anteriores, não teve mais ânimo para resistência: abandonou suas trincheiras e debandou, porém abaixo de enormes perdas. Solano Lopes também conseguiu fugir.

Assim pudemos ver Lopes, sua mulher, seus generais e seu estado-maior empreendendo retirada em direção à Cordilheira, sem que lhe barrássemos o caminho. Isso teria sido fácil; certamente ao Marquês de Caxias não convinha prendê-lo.

Conquistamos todos os haveres da família de Lopes; estavam acondicionados em diversas carretilhas e se compunham das mais finas roupas, de ouro e prataria e de dinheiro.

Foi com o coração confrangido, mas também com profundo respeito, que olhamos para o quadro que se nos apresentou no interior do forte. O chão estava revolvido pelas nossas granadas e coberto de cadáveres de homens, cavalos, bois, cachorros e outros animais. O hospital, com milhares de feridos, caiu em nosso poder, além do que recuperamos muita gente nossa, que Lopes havia aprisionado anteriormente; entre ela, achava-se o Major Augusto Ernesto da Cunha Matos e numerosos oficiais aprisionados na batalha de Tuiuti, no dia 3 de novembro. Estavam agora libertos.

ANGUSTURA SE RENDE SEM TIRO

Na manhã do dia 29 de dezembro, o Marquês enviou parlamentares ao forte Angustura, sito a meia légua de Lomas, nas margens do Paraguai; esse forte vinha impedindo nossa navegação.

Mandou advertir o seu comandante que se rendesse (o comandante era de nacionalidade inglesa), pois que Lomas tinha sido tomada e Lopes se foragira.

O comandante porém não deu crédito à notícia transmitida pelos parlamentares e condicionou a poder certificar-se "de visu", acompanhado de uma escolta; o Marquês aquiesceu ao propósito.

Ainda no mesmo dia, pois, apresentou-se o coronel e quando deparou pessoalmente com a miséria reinante no interior de Lomas, meneou a cabeça e concordou imediatamente com a capitulação. Esta foi levada a efeito no dia seguinte, 30, ao meio-dia.

Angustura estava muito bem fortificada, tanto pelo lado do rio como por terra; nela se achava grande número de canhões pesados e uma guarnição de 1.300 homens.

CHEGA O CONDE D'EU

No dia 1º de janeiro de 1869 nosso exército levantou acampamento, e chegou à cidade de Assunção a 4 do mesmo mês.

A 7 de janeiro faleceu o Barão do Triunfo, em Assunção. Toda a oficialidade teve que assistir a um officio religioso na catedral de Assunção, em memória aos mortos.

Nos dias 19 e 22 de janeiro embarcaram, respectivamente, o Marquês e o General Osório, em viagem para o Rio de Janeiro.

Durante o mês de fevereiro o nosso exército foi, a pouco e pouco, transferido para a pequena cidade de Luque, e logo formada uma

vanguarda. Esta teve freqüentes refregas com o inimigo que aparecia, vindo da Cordilheira, onde fixara posição.

No dia 14 de abril chegou o Príncipe Conde d'Eu a Assunção e por via férrea logo continuou viagem para Luque. Todo o 2º Exército aí sediado, desde a madrugada, se achava pronto para recebê-lo com uma parada. Após esta, às 12 horas, todos os oficiais se dirigiram à casa em que o Príncipe se hospedara minutos antes, a fim de apresentar-lhes seus cumprimentos. Feito isso, o Príncipe proferiu um discurso

No dia subsequente, o Príncipe dirigiu-se para o 1º Exército, que se achava na linha de fogo, e inteirou-se da situação. A seguir expediu suas ordens no sentido de que nossa vanguarda fôsse aproximando-se cautelosamente da Cordilheira. Sua ordem foi cumprida, não sem algumas escaramuças com o adversário.

AO ENCALÇO DO INIMIGO

Nos primeiros dias de maio, o Príncipe ordenou que o Corpo de Pioneiros e alguns batalhões embarcassem em Assunção e se dirigissem a Fêcho dos Morros, situado na Província de Mato Grosso; outrossim, determinou que uma força de 5.000, inclusive dois corpos de cavalaria e artilharia, se pusesse em movimento. Comandava-a o Coronel Câmara. Saltaram em terra 30 léguas acima de Assunção, a fim de bater 3.000 paraguaio nas Vilas de São Pedro e Rosário.

Mas o inimigo presentiu o plano e bateu em retirada. O Coronel Câmara perseguiu-o dia e noite, através de banhada e caminhos os mais pavorosos que se possa imaginar. Como vaqueanas ou guias serviam-lhe mulheres que tinham remanescido naquela zona.

GRANDE PRÊSA — MUITA MORTE

Até que enfim, no dia 29 de maio, Câmara alcançou os fugitivos. À noite expediu ele suas ordens para o ataque da manhã seguinte. A batalha rompeu abaixo de chuva torrencial e durou cerca de duas horas. Aprisionamos 800 homens, sendo que o resto morreu em ação; pouquíssimos lograram fugir. Nossa presa de guerra era constituída de 18 canhões, quantidade de ouro e prataria, milhares de reses, outro tanto de cavalos e, ainda, cabras, ovelhas, etc.

Milhares de mulheres e crianças foram imediatamente levadas a embarque e enviadas seguramente para Assunção.

Após a batalha, o Coronel Câmara deu permissão para pilhar a cidadezinha durante duas horas, com a advertência de não danificar nenhuma casa nem móveis, no que foi obedecido. Câmara então mandou degolar a maior parte dos prisioneiros. Antes de embarcar, ainda mandou arrebanhar todos os animais capturados, gado, cavalos, etc e ordenou que fôsem sacrificados, pois ele carecia de meios de transporte. Mandou juntar tôdas as carrêtas e carretilhas e incendiou-as. Em seguida regressou, com um mínimo de baixas.

Pelo fim do mês de junho regressaram as forças que haviam sido enviadas a Fêcho dos Morros, porque nada se havia notado do inimigo; além disso, lá muitos dos nossos morriam de peste.

No dia 3 de junho foi festejada a chegada do General Osório, o qual, no dia imediato, foi ao exército por via férrea, reassumindo o comando do 1º Exército.

No dia 22 de julho fui promovido a tenente, pela ordem do dia n. 28.

A 15 de agosto foi nomeado o nôvo governo em Assunção.

Na madrugada do dia 12 de agosto o Príncipe ordenou assalto às fortificações de Peribebuí e após duas horas da mais dura luta tornamo-nos donos delas — mas com a perda do General João Manoel Menna Barreto e de mais alguns homens.

Geralmente a maior parte do inimigo era degolada depois da batalha.

Despojamos o inimigo de vários milhões em dinheiro, além de valores em ouro e prata; conquistamos a totalidade dos canhões aí existentes; também famílias, milhares de pessoas, tudo isso apre-samos.

A 14 de agosto o Príncipe marchou com os 1º e 2º Exércitos e alcançou Cacubá no mesmo dia; estava êle sôbre os calcanhares de Lopes.

Na madrugada do dia 15 de agosto o Príncipe deu ordem de marcha e, quando chegamos a Barreiro Grande, encontramos o inimigo. Citado local é um descampado e sôbre êle pudemos observar Lopes em sua retirada.

Imediatamente, o Príncipe comandou ataque, estendendo-se a luta pelo dia todo e depois perseguimos os paraguaios em sua fuga. Tomamos-lhes suas carrêtas carregadas de riquezas e matamos os homens que as acompanhavam. As carrêtas que continham munição e as viaturas dos canhões foram incendiadas tôdas.

O inimigo perdeu milhares de soldados, pois não se concedia perdão; os feridos foram mortos logo que encontrados. Ainda três dias após a luta foram achados gravemente feridos no capim alto, lamentando seus ferimentos e clamando por perdão. Mas isso de nada lhes valeu.

No dia 16 de agosto continuamos a perseguir sempre o inimigo, abaixo de um verdadeiro extermínio. Chegou êle finalmente à cidadezinha de Caraguataí, onde atravessou apressadamente o rio e depois incendiou os dois navios lá estacionados.

A 17 de agosto nosso exército cruzou o rio e prosseguiu na perseguição, através dos mais horríveis caminhos que se possa imaginar.

Derrotamos várias vèzes a retaguarda inimiga, tomando-lhe carrêtas, canhões e outros haveres, além de causar-lhe baixas.

Os retirantes chegaram à Vila São Joaquim, onde firmaram-se a pé; mas de nada lhes adiantou; depois de grandes perdas, viram-se forçados a continuar batendo em retirada.

Pelo caminho que ia tomando o adversário fugitivo, encontramos centenas de mortos estendidos na estrada, pois assassinava todos os exaustos e doentes, fossem eles homens ou mulheres; nem mesmo crianças escapavam dessa prática. Faziam isso a fim de evitar que caíssem em nosso poder.

Tôdas as mulheres que acompanhavam nosso exército tinham que carregar munição de artilharia; nossa cavalaria ia a pé, pois suas montarias se achavam extraviadas. (?) (O original não é preciso em esclarecer o que havia acontecido com as montarias da cavalaria. Nota do tradutor).

Sitiamos a pequena cidade de São Joaquim, enquanto o 1º Exército marchou até Conceição, onde acampou. Os 5.600 soldados que sitiavam São Joaquim tiveram que alimentar-se quase que exclusivamente de palmitos, caça e semelhantes. Apesar de que cada 8 ou 10 dias nos enviavam tropas de 100 a 200 reses pelos péssimos caminhos, tal quantidade não supria nem a metade de nossas necessidades.

Eis porque centenas de praças e oficiais desertavam. Os oficiais não tardavam em apresentar-se a outras unidades que dispunham de mantimentos, mas dos soldados pouquíssimos assim agiam.

A maior parte deles embrenhou-se nas matas ou vivia disperso em casas de sitiante. Mais tarde, tivemos que aprisioná-los aos pequenos grupos, por vê-los após violentos tiroteios.

Levados à presença do General, este os prendeu na guarda e, no dia seguinte, mandou aplicar-lhes 300 a 400 lambadas de espada, após o que foram reconduzidos às suas respectivas unidades.

Aquêles que por ocasião de sua captura ofereciam resistência foram imediatamente mortos.

Em novembro, o resto da força sitiante de São Joaquim viu-se obrigado a fugir à fome e veio acampar junto a nós, em Rosário.

O Príncipe, que com o seu 1º Exército se encontrava em Conceição, aí deixou algumas unidades como guarnição e marchou em perseguição do inimigo, que se havia entrincheirado em Panadeiro. O General Câmara, que conduzia a vanguarda, estava ansioso pelo ataque e levou-o a efeito decorridos poucos dias.

O adversário perdeu muita gente mas outro tanto o General Câmara, que tinha conseguido barrar a passagem ao reabastecimento do inimigo. Em consequência este, mais tarde, teve que abandonar Panadeiro, ocasião em que milhares de famílias tentaram fugir, porém mal a metade conseguiu fazê-lo. As famílias do inimigo atravessaram de 30 a 40 léguas de matagais e banhados horríveis, no intuito de alcançar Conceição e pôr-se sob nossa proteção. Somente a metade dos que partiram conseguiu o propósito; os demais tinham morrido de fome pelo caminho.

O General Câmara, procurando anteceder-se ao movimento do inimigo, cruzou o rio Apa e ficou à sua espera; entretantes, o Coronel Bento Martins flanqueou os paraguaios pela sua ala direita. Mas nem um nem outro pôde atacar devido à impropriedade do terreno.

A 29 de novembro o General Osório despediu-se de nós e regressou definitivamente.

A 15 de agosto foi instalado o Governo Provisório em Assunção.

Nos primeiros dias de dezembro, o Príncipe despediu vários batalhões de infantaria, Voluntários da Pátria, e mandou-os para o Rio de Janeiro, a fim de lá receberem sua baixa.

A 3 de dezembro o Príncipe mandou sitiá a Vila São Pedro, distante 8 léguas de Rosário, por dois esquadões de cavalaria, visto que nessa vila, às margens do Chejuí, havia sido notada a presença de uns 50 homens do inimigo.

No dia 23 do mesmo mês, à meia-noite, o inimigo assaltou Piquê, no rio Chejuí; perdemos dois homens e o inimigo também.

Sem demora, o Príncipe enviou dois batalhões e um corpo de cavalaria sob o comando do Coronel João Jardim, a fim de dar reforço a São Pedro e ao mesmo tempo para proteger as centenas de famílias que se locomoviam de Panadeiro, em busca de seu torrão. Essas famílias sofriam tribulações por parte dos próprios paraguaios dispersos.

Todos os dias o Coronel mandava efetuar batidas a cavalo para localizar esses homens espalhados, que viviam em bandos pilhando as pobres famílias em migração, das quais muitas, como já relatei acima, morriam de fome pelo caminho.

Prendemos muitos desses grupos, que em maioria se compunham de oficiais paraguaios. Todos que não encontravam morte imediata nas refregas, foram por nós executados sem mais delongas. Em seus bolsos encontramos o produto de suas pilhagens: jóias de ouro, prata e dinheiro, que haviam tomado aos deslocados.

Assim, capturamos todos os homens dispersos, e aqueles que não se apresentavam espontaneamente, eram enviados desta para a outra por meio de faca. Entre eles, também se achavam alguns poucos dos nossos, dos que haviam fugido à fome em São Joaquim.

— Fim do Diário —

CASA MORAES ALVES
UNIFORMES MILITARES

Bonés — Distintivos — Bandeiras

Uniformes em Tergal

À VISTA OU A PRAZO

Rua Uruguiana n.º 174-A — Tel. 43-6653